

## A HISTÓRIA DO MENTAL DE LUCIEN FEBVRE: a iconografia revela a sensibilidade religiosa

*Luiz Alberto Sciamarella Sant'Anna\**

### **Resumo**

Este estudo aborda os engendramentos metodológicos e as noções elaboradas pelo historiador Lucien Febvre. A partir de seus artigos, aferiu-se o processo de construção do conhecimento histórico sobre a sensibilidade presente em uma determinada época e lugar, o qual promove um entendimento diferente do processo histórico multifacetado que foi a Cristianização do ocidente europeu e a Reforma religiosa na França. A história da sensibilidade, inspiradora de uma corrente de idéias e corolário de estudos ligados à história do mental, traduz os complexos e variados estados de espírito em uma sociedade e demonstra, por sua vez, as verdadeiras necessidades que atendem às produções sociais. Em virtude da natureza do objeto, atenta-se para a complexidade reflexiva sobre as “alterações e mutações” no campo das idéias em determinada época, no qual a noção de mentalidades e os estudos sobre a história da sensibilidade têm papel relevante.

### **Palavras-chave**

Mentalidades; sensibilidades; mental; história intelectual.

### **Abstract**

*This study approaches the methodological schemes and notions elaborated by the historian Lucien Febvre. From the study of his articles, we evaluated the construction process of the historical knowledge over the sensitivity present in a determined time and place, that provides a different understanding of the multifaced historical process, which has been the Christianization of the European Occident and the religious Reformation in France. The history of sensitivity, which has inspired a stream of ideas and the corollary of studies linked to the mental history, translates the complex and variable states of mind in a society, and demonstrates in its turn, the actual needs that fulfill the social productions. Due to the nature of the object, we take into consideration the reflective complexity regarding the “alterations and mutations” in the field of ideas in a certain epoch in which the notion of mentalities and the studies about the history of sensitivity perform a relevant role.*

### **Keywords**

*Mentalities; sensibilites; mental; intelectual history.*

A história das sensibilidades, presente na obra de Lucien Febvre, é um novo campo de conhecimento sobre a história dos sentimentos. Novo, não só por ter sido inaugurado na historiografia por ele, mas também pela abordagem que os objetos, tais como o amor, a alegria e os sentimentos provocados pela morte, pelo medo, etc., recebem em termos historiográficos. Estas se distanciaram das formas de exposição diacrônicas sobre um sentimento, ou um grupo deles. Segundo Mann<sup>1</sup>, Febvre se interessava pelo conjunto de enredamentos presentes nas situações em que os sentimentos se encontram com os sentidos, as ações e as atividades intelectuais.

O procedimento encontra-se em seus livros e artigos. No artigo *Les Principaux Aspects D'une Civilisation – La première Renaissance française: quatre prises de vues*, presente na coletânea *Pour une histoire a part entière*, publicado em 1962<sup>2</sup>, Febvre comparou duas sociedades distantes no tempo, procurando avaliar as diferenças nas formas de sentir. O historiador examinou as condições materiais e seus efeitos sobre as estruturas físicas e psicológicas dos homens do século XVI e XX. Tinha o intuito de realizar aproximações para constatar as diferenças no modo de sentir das sociedades, em suas vivências, em determinadas condições materiais. Procurou correspondências entre estas e aquelas. Em suas análises sobre o procedimento de Febvre, o crítico Mann pondera:

Assim, enquanto ele descreve as condições materiais no século XVI é para sugerir, ou para designar, os sentimentos que teriam correspondido a estas condições. Certamente, as diferenças de vida material entre o passado e o presente deixam supor que diferenças, talvez também consideráveis, existiram no domínio dos sentimentos. Entretanto, uma única aproximação não saberia indicar quais eram essas diferenças, quais eram os sentimentos correspondentes a essas condições. É preciso informações e verificações complementares.<sup>3</sup>

Para Febvre, os registros dos sentimentos deixados pelos homens podem nos induzir a erros. Afinal, expressões sentimentais, tais como angústia, medo, que podemos ligar, regularmente, a um determinado sentimento conhecido em nossa época, em outra, pode ter tido outro sentido.

O objeto de estudo desse campo de conhecimento pode ser visto como um ponto de tensão entre dois campos. As emoções e as representações intelectuais são reguladas pelos mecanismos produzidos pelas *instituições* ou *técnicas* em seu controle sobre as condutas sociais. Os vestígios deixados pelos mecanismos de controle, provenientes das diversas áreas da atividade social permitem a prospecção histórica das sensibilidades dos homens, em suas vivências sociais, em uma época em particular.

Febvre diagnosticou a complexidade desta empresa e analisou a problemática a partir de aspectos mais gerais. Estava atento a determinadas particularidades e condutas quando propôs a apreensão do estudo, pois todo sentimento humano é, ao mesmo tempo, ele

mesmo e o seu contrário. Em algumas circunstâncias, nos jogos de nossas representações, é possível explicar a predominância de um desses pólos nos nossos estados afetivos. Entretanto, a sua presença é uma constante, uma ambivalência, e não uma justaposição. Os sentimentos são uma *resultante*. Diante de tais constatações, não haveria a legitimidade de procurar, em determinadas épocas da história das sociedades humanas, a predominância de uma maior carga emocional negativa. Isto é, mais crueldade que piedade, mais ódio que amor, de modo que se pudesse caracterizar a vida afetiva. O mesmo se pode dizer sobre períodos em que houvesse a predominância de vida intelectual e, em contrapartida, períodos em que prevaleceria a ordem oposta.

Diante das questões apresentadas acima, Febvre considerava que na análise de determinadas questões, principalmente quanto ao estudo de individualidades, não se deveria utilizar uma psicologia barata, empregada por historiadores em suas histórias romanceadas sobre alguns personagens ilustres. Tais historiadores compartilham a idéia de que o instrumental teórico da psicologia não pode operar no nível das instituições. Para Febvre, alguns deles não admitem que a “imaginação intuitiva” não poderia desempenhar nenhum papel na prospecção desse tipo de estudo. Portanto, a análise psicológica estaria fadada aos estudos sobre as individualidades. Tal procedimento tira o enfoque da proposta de estudo. O historiador deve utilizar os instrumentos heurísticos da psicologia e adentrar no âmbito das instituições, que regulam as representações de uma sociedade em determinada época. Segundo Febvre:

Mas, em contrapartida, esse domínio de onde se pretende excluir toda a imaginação intuitiva, o domínio da história das idéias, o domínio da história das instituições: que belo campo de pesquisas, e de reconstituição e de interpretação para a história psicológica! Seu campo de investigação por excelência. Porque, muito ao contrário, o mecanismo das instituições de uma época; as idéias dessa época ou de outra: eis que o historiador não pode compreender, nem fazer compreender, sem esta preocupação primordial a que eu chamo de psicologia: a preocupação de relacionar, de ligar a todo o conjunto das condições de existência de sua época, o sentido dado às suas idéias pelos homens dessa época. Porque essas condições colorem as idéias, como todas as coisas, com uma cor bem própria da época e da sociedade. Porque essas condições põem a sua marca sobre estas idéias do mesmo modo que sobre as instituições e ao seu jogo. E, para cada historiador, idéias, instituições não são dados do eterno; são manifestações históricas do gênio humano em uma determinada época e sob a pressão de circunstâncias que não mais se reproduzem.<sup>4</sup>

As características apresentadas pelas atitudes, normas, condutas, em todas as instâncias da vida social, permitem sondar e conhecer as sensibilidades, ou seja, a vida afetiva de uma sociedade. Este foi o objeto que Febvre se propôs a estudar. É possível partir tanto do coletivo para o individual, quanto o contrário. Um exemplo está em seu artigo *Como*

*reconstituir a vida afetiva de outrora?* publicado na coletânea *Combats pour L'histoire*, de 1953, em que analisou a atitude de um indivíduo e a comparou com as características da sensibilidade social.

No artigo intitulado *Iconographie et Évangélisation Chrétienne*, escrito em 1914 para a *Revue des cours et conférences*, na quinta parte da já citada coletânea *Pour une Histoire à part entière, (Histoire des Sentiments)*, a iconografia religiosa foi eleita como objeto para a prospecção das sensibilidades de uma época. Este recurso permitiu reconstituir os modos sucessivos e contrastantes da sentimentalidade religiosa. O pioneiro nesse estudo foi Émile Mâle, que trabalhou a expressão artística dando-lhe historicidade, compondo capítulos encadeados de uma história artística do sentimento religioso na França, do século XII até o começo do século XVII.

Os estudos se voltavam para os primeiros séculos da Idade Média, mais precisamente o século IV, quando se iniciava a evangelização da Gália. Uma empresa marcada de dificuldades, de avanços, retrocessos e recomeços. Não existia um plano diretor neste embate entre duas ideologias religiosas. A primeira, uma herança dos ancestrais “*ligures*”, do panteão Celta e dos empréstimos feitos ao panteísmo greco-romano. A segunda, a ideologia cristã em expansão, conquistadora, cujo principal veículo de propaganda era a expressão artística iconográfica, que materializava um sistema de regras que regulava a vida religiosa das sociedades ocidentais no mundo europeu.

Durante toda a Idade Média, a arte não foi mestra de suas criações. A iconografia lhe ditou suas leis. Quem era ela, então? Em que consistiam suas prescrições? Porque estas regras fixas, imutáveis, universais? É preciso, então, dizer de onde os monumentos nos oferecem tantas aplicações análogas? É preciso dizer simplesmente: ‘convenções artísticas’ – e disposições excessivas? Não, porque se trata de um sistema de regras, de prescrições largamente desenvolvidas, e que a velha noção de ‘convenção’ se encontra bem impotente para justificar.<sup>5</sup>

Para que a evolução artística da iconografia seja bem entendida, são necessários aportes dados pela história da evangelização na Europa ocidental. Depara-se com um problema cronológico, resolvido pela concordância dos estudos desenvolvidos por arqueólogos e historiadores, que concluíram datas tardias para a evangelização no interior das províncias gaulesas. O episcopado se organizou primeiro nas cidades gaulesas no século III, salvo a cidade de Lyon, que havia se organizado no século II. A história da evangelização foi tratada por Febvre de maneira costumeira, ou seja, foi analisada dirigindo-se ao social, atento às questões de ordem intelectual, moral e às de ordem material.

Como entender os motivos que levariam os segmentos citadinos e camponeses a serem levados ao Cristianismo? Dentre os motivos, havia os mais desprezidos, tais como a curiosidade, o desejo de entender novos pensamentos, bem como a caridade, tão arden-

temente pregada pela nova religião. Havia, também, a influência e exemplo das mulheres, que naqueles tempos, eram poderosas propagandistas, e a ação da literatura cristã que começava a se expandir no século IV. Motivos menos nobres, mas não menos eficazes, também contavam, principalmente para os segmentos superiores. O imperador tornara-se cristão e, neste caso, era razão suficiente para que os membros das famílias senatoriais, altos funcionários, se convertessem à nova religião. Entretanto, as conversões não se faziam bruscamente. A conversão de Paulin de Nôle, no final do século IV, por exemplo, não deixou de ser vista como um escândalo. E nos campos distantes dos grandes centros urbanos da época, o que levaria alguém a se converter ao cristianismo? Em primeiro lugar, não se sabe com precisão em que grau essas populações foram atingidas pela romanização, embora seja evidente a presença de elementos da religião romana enxertados com o antigo e predominante culto ancestral.

Esta não é uma mitologia doutra que persistiu na Gália, mas um politeísmo anterior à constituição do panteão céltico – ou ao mesmo, dos rudimentos básicos de Panteão do qual César fala.<sup>6</sup>

Os camponeses necessitavam de uma religião tutelar e rústica, uma religião agrícola, que lhes assegurasse uma colheita, que os protegesse das intempéries, que cuidasse de sua sobrevivência e da sua coletividade. Os empréstimos tomados à religião greco-romana se fizeram sem grandes percalços, pois esta religião atendia às mesmas necessidades de proteção diante de uma vida essencialmente agrícola. Havia então, festas comemorativas com datas fixas, o ciclo regular dos trabalhos e dos dias, as mesmas funções de divertimento que a religião grego-romana. É importante constatar que a religião grego-romana, ela própria, foi construída sobre o antigo culto das fontes, das florestas, das águas vivas, etc.

Febvre analisou o fenômeno sincrético religioso entre os cultos ancestrais e a religião greco-romana, em que as adaptações, os enxertos e os empréstimos ocorreram de forma lenta e progressiva. Entretanto, o historiador recuou diante da possibilidade de ver o processo de cristianização acontecer da mesma maneira, tal qual aconteceu com as religiões semíticas, diante das exigências greco-latinas. As invasões bárbaras trouxeram conseqüências em todos os níveis da vida dessas sociedades. No plano religioso, elas não foram totalmente desastrosas. Por um lado, interromperam, momentaneamente, a cristianização, ou tornaram-na mais vagarosa, devido às conseqüências políticas e sociais, a exemplo de membros do clero. Principalmente os bispos, que se tornaram chefes militares ou serviam como diplomatas entre o Império e os bárbaros.

A presença de novos idiomas e o reforço da religião pagã, com a presença de novos pagãos, tornou o empreendimento mais difícil, pois não estava unicamente voltada para os bárbaros pagãos. Existiam, entre eles, cristãos arianos, que precisavam ser catequiza-

dos. Por outro lado, as invasões e o terror que elas acarretavam, promoveram conversões em massa. Era a oportunidade de testar o poder de proteção do novo Deus. A destruição material dos templos se fez indistintamente, poupando a igreja do trabalho de demolir os templos pagãos e cabendo aos cristãos a reconstrução dos seus. Sobre a questão moral, o que se pode entender por conversão? Febvre procurou respostas interrogando os missionários que realizaram trabalhos de evangelização, semeando os germes de sua fé nas almas pagãs. A análise se processou em face da realidade social histórica da Gália.

Os homens de alta classe social nas cidades da província se dispuseram, desde os primeiros anos da conquista romana, a absorver a cultura latina. A língua do vencedor foi absorvida em sua plenitude. Nomes gauleses figuravam na história das Letras latinas. Ao entrar em contato com os relatos de Cícero, podemos notar a presença do druida Diviciac na Cúria romana em defesa de seu povo, a partir das impressões do gaulês sobre as altas questões religiosas e filosóficas. Na arquitetura, os elementos estilísticos são provas incontestáveis da penetração da cultura do vencedor. Entretanto, séculos mais tarde, chegou à Gália uma nova vaga de idéias no campo religioso. Uma religião proveniente do Oriente e nutrida com idéias sutis da Grécia: o cristianismo. Havia conversões, indecisões, resistências e lutas; umas por convicções, outras por lassidão e por contágio.

Porém, as velhas idéias da religião gaulesa não foram abandonadas pelos convertidos, nem nos séculos subsequentes da cristianização da Gália. Um caso mencionado por Febvre, ocorrido na elite intelectual da Igreja Católica da Gália, no século VI, diz respeito ao bispo Grégoire de Tours. Filho da alta nobreza gaulesa, o bispo acreditava nas adivinhações a partir da posição dos astros, do vôo dos pássaros, e nos presságios indicados pelos cometas. Para avaliar a presença das idéias pagãs nas práticas religiosas desse personagem, Febvre se deteve na prática de colocar sob o altar dois bilhetes marcados com *Sim* e *Não*. O bispo dizia uma prece e escolhia um deles para obter a resposta do Deus cristão. A avaliação desse comportamento, que não era restrito a este personagem, perpassava por todo um segmento social ligado às atividades religiosas ou intelectuais.

Febvre pesquisou sobre o segmento social da campanha gaulesa, para quem o latim era uma língua incompreensível. Entretanto, as pregações e as celebrações da jovem religião eram em latim. Não por desconhecimento da realidade lingüística do interior da Gália, onde a latinização das línguas se processou lentamente, mas para afastar as tradições religiosas célticas que conservavam a língua dos druidas. Nos séculos V e VI, a Igreja triunfou na Gália, cristianizando pouco a pouco os camponeses. Eles se dirigiam à igreja em massa (ainda permanecia, na concepção dos camponeses, o Templo) nos dias festivos. Estas festas coincidiam com as datas e estações em que havia as grandes festas pagãs, permanecendo o mesmo ponto do ciclo eterno das culturas. Nada de recolhimento

e preces nas comemorações dos aniversários dos mártires, mas orgias nos pátios, danças sem pudor e bebedeiras.

Febvre comentou os estudos de M. Marignan sobre a postura da Igreja diante das práticas pagãs nas celebrações festivas. A Igreja aceitou, pois, segundo o autor, a falta não foi desse povo inculto, mas das práticas religiosas pagãs, que precisavam ser extintas. Para tanto, a Igreja católica despendeu, durante séculos, seus maiores esforços, tornando-se hegemônica. Entretanto, o comportamento dos camponeses traduzia o que se podia chamar de vícios profundos do tempo. De acordo com Febvre, isso levou a uma espécie de desencorajamento e cansaço por parte dos melhores recrutas da Igreja. As provas desse estado de coisas aparecem nos textos escritos por Paulin de Nôle, *les Natalia* ou *Natalitia*, que compõem sua obra.

Paulin de Nôle descreveu os festejos de seu santo preferido, São Félix de Nôle. A velha basílica recebeu os camponeses da Calábria, trabalhadores do distante Lácio, etc., para os dois dias de festejos. Porém, eles não vieram sós. Traziam seus familiares, animais domésticos, alguns deles escolhidos para oferecer e louvar o santo padroeiro, como outrora fizeram para Marte, ou para o grande Júpiter. Os camponeses entraram na velha catedral durante a madrugada da véspera, no badalar dos sinos, pois a igreja os recebia conforme a velha tradição da *pervigia*, que precedia a antiga tradição das festas pagãs. Os festejos contavam com louvores, danças, bebedeiras, orgias e escândalos excessivos. A repressão a tais abusos chegavam de Santo Ambrósio e de Santo Agostinho, segundo Boissier, procurando refrear a violência dos jovens camponeses, todos pagãos e materialistas.

Paulin de Nôle mandava pintar frases em latim, tiradas das Escrituras, sobre os muros dos pórticos onde os camponeses passavam suas noites de orgias. Febvre analisou este procedimento e o impacto que causou nos camponeses ao se depararem com estas silhuetas coloridas e misteriosas, levando-os a abrir os olhos e a boca, só de admiração. Embora se soubesse que a idéia de manifestação artística para fins pedagógicos não fora criação de Paulin de Nôle, as catacumbas eram decoradas com afrescos e frases com objetivos pedagógicos. Por um lado, estava-se diante do lugar de nascimento da evangelização e da constituição da iconografia cristã no interior da Gália, antes de uma progressiva dissociação que viria com os séculos seguintes. Por outro lado, Febvre pôde analisar a arte produzida pelos artesãos religiosos, que não desenvolveram sua arte para satisfação pessoal, ou para qualquer contemporâneo seu. A arte era unicamente utilitária, um meio de propaganda, de moralização, de evangelização.

Segundo Febvre, nada mais natural que a Igreja utilizasse a arte para cumprir suas determinações. Fosse esta uma arte oratória, plástica, o canto, ou a cena dramática. Entretanto, nada era natural ou totalmente natural, em se tratando de história das idéias, para

um historiador. Ele mesmo explica:

(...) uma palavra talvez os chocasse por sua repetição: pintura. É de pinturas que fala São Paulino; de pinturas que escreve São Gregório; de pinturas que se trata no velho adágio: 'picturae quase libri laicorum.' Pinturas sempre; esculturas jamais. Ora, notamos, no século XIII, por exemplo, a anormalidade é grande. Como? A escultura se instala no portal de todas as igrejas, de todas as catedrais; em Chartres, ela compõe docilmente às ordens dos clérigos, uma admirável Bíblia de pedra tem sua composição sob ordens escritas do clero, precisa, completa, ortodoxa; verdadeiramente, aí e em cem lugares, o livro dos leigos, por excelência; e os textos, no entanto, só falam de pinturas?<sup>7</sup>

Febvre investigou as causas da inexistência, entre os séculos V e X, de esculturas do Deus cristão. Mais precisamente, o pudor dos cristãos diante daquela expressão. Como entender os traços que caracterizavam, nos países cristãos, na Alta Idade Média, o culto familiar e popular das estátuas e das relíquias dos santos? E mais, quando os cristãos reencontraram a arte da escultura e se viram talhando imagens divinas, ou as figuras dos santos? O histórico das idéias presentes naqueles séculos pode ajudar a iluminar essas questões.

Sabe-se da querela dos iconoclastas desde os primórdios da Igreja, e ela revelou o estado de espírito dos cristãos naquela época. Febvre analisou o que era a imagem do deus para os gregos e romanos, sendo este o deus em pessoa. Ele citou as constatações do historiador medievalista Ch. Picard: "*O Xoanon*, escreve Picard, *o deus em pessoa, ativo, vivendo atormentado pelas mesmas necessidades dos homens*".<sup>8</sup>

O deus era servido, alimentado e protegido do eventual roubo dos habitantes das cidades vizinhas, embora soubessem que os deuses puniriam qualquer toque impuro em suas imagens. Porém, era uma forma de se apropriarem de sua proteção, ou punirem seus inimigos. A prática de roubo de imagens e relíquias de santos não era incomum por parte dos clérigos em toda Alta Idade Média. Faziam isso porque procuravam trazer prestígio para suas dioceses. Febvre mencionou como exemplo o caso de um religioso de uma abadia, nas vizinhanças de Conques, em Rouergue. O religioso se disfarçou, durante dez longos anos, na diocese de Agen, esperando a oportunidade de roubar os restos mortais de Santa Fé, do mártir do Agenais. Roubo efetuado, foi confeccionada uma estátua, que recebeu o nome de Santa Fé de Conques, cuja peregrinação rivalizava com a de Saint-Jacques de Compostelle.

Em um segundo plano, a análise se voltava para as declarações dos controversistas: Tertuliano, em seu livro *De Idolatria*, com seu ardoroso discurso, imaginando um Cristo desgraçado, "*Sem Glória, ignóbil será meu Cristo*".<sup>9</sup>

Se, para os pagãos, o ídolo era a residência oficial do deus, para os cristãos era a residência do demônio. Em *De Consensu Evangelistarum*, Santo Agostinho citou as passagens presentes no Antigo Testamento, reforçando os argumentos contra os ídólatras.

Na Alta Idade Média, era intolerável a construção da imagem do Deus cristão, mesmo para um ídólatra. Febvre mencionou o título de um capítulo de Bernard d'Angers, aluno das escolas capitulares de Chartres: "*O que as estátuas dos santos permitem 'acontecer', do costume universal e do costume 'hereditário'*". Reproduzido na obra do Abade Bouillet, *Liber Miraculorum Sanctae Fidis* em Paris, 1897.<sup>10</sup>

O texto foi prudente quanto às imagens dos santos, toleradas sob certas condições, mas não admitidas com entusiasmo. O capítulo versa sobre um milagre, não do santo, (no caso, Santa-Fé de Conques), mas da imagem do santo.

Febvre explicou, a partir do relato de Bernard, que a crença num milagre operado pela representação de um santo teve sua origem, em parte, no hábito de confeccionar as estátuas dos santos em ouro, ou em qualquer metal, e introduzir a cabeça ou um fragmento do corpo do mártir. Esta prática estava presente nas regiões de Auvergne, de Rodez, de Toulouse e nas vizinhanças. Bernard não constatou o fato simplesmente, ele o julgou, esclarecendo as origens da "sensibilidade" existentes nesta crença. "*Esta prática parece, verdadeiramente, supersticiosa às pessoas racionais; Ela lhes parece ser um rito conservado do antigo paganismo.*"<sup>11</sup>

À primeira vista, o autor considerava o fato condenável "*Parece que se conserva um ritual, como que preso a cultura dos deuses ou, melhor, de demônios.*"<sup>12</sup> Entretanto, o autor relatava no texto um diálogo com outro ídólatra, seu amigo Bernier, ambos diante da estátua de Saint Géraud, em Aurillac. No diálogo, Bernard comentou que nem Júpiter, nem Marte se sentiriam indignos diante de tal representação. Mas colocou uma distinção bem singular quanto às imagens:

De Deus próprio, é um absurdo, é criminoso fazer uma imagem, uma estátua de pedra, de madeira ou de metal; uma só exceção é tolerada, esta do crucifixo. É que esta tem sua utilidade 'celebrar a memória da paixão do senhor'.<sup>13</sup>

Em seguida, Bernier comentou:

É unicamente pelas escrituras verdadeiras dos livros, ou pelas silhuetas coloridas das pinturas sobre as paredes dos edifícios que convêm de se manifestarem aos olhos dos homens.<sup>14</sup>

Os argumentos, a princípio, não legitimaram o uso de estátuas de santos. Contudo, a declaração seguinte, de Bernier, modificou todo o conjunto por um detalhe: "*Pois por nenhuma razão suportamos estátuas de santos, se não por antigo, invencível, endêmico*

*nos costumes das pessoas*".<sup>15</sup>

Para Febvre, este texto apresenta a distinção fundamental feita entre as imagens de Deus e dos santos, o costume na Idade Média, entre a França do norte e do sul, assim como da pintura, lícita e útil e a escultura, proibida e maldosa. Mas, sobretudo, podemos visualizar, no texto, a sensibilidade existente numa época em que emergia do conflito secular vivido pelos homens, quanto às formas de expressão religiosa. O historiador interpretou as questões expostas no texto analisado e concluiu que se tratava de um fundo muito velho de idéias imersas em um passado longínquo. Elas foram pensadas na magia, velha como o homem, materializada na representação das imagens, mais ou menos feitas à sua semelhança. A compreensão do autor se alicerçou nos estudos sobre os ritos de magia "simpática" do livro *Le Rameau d'or* de Frazer, de 1915, que demonstra o quanto era universalmente conhecida, difundida, esta ação de representar.

Entretanto, para Febvre, o cristão nada tinha a ver com a magia, ele acreditava em sua realidade e a proclamava pelas reflexões de Tertuliano, de Santo Augustino e de Eusébio de Cesaréia, dentre outros, que relegaram essas manifestações mágicas ao culto pagão. Que os ídolos tenham dado os signos, isso é verdadeiro e conhecido. Mas foram as materializações dessas idéias que permaneceram mágicas (desconhecidas), em suas implicações. Mas existiria, por um longo tempo, a crença na identidade entre o personagem e a figura que o representava. Persistirá, ainda, por longo tempo, sob formas obscuras, o sentimento antigo que animava o *xoanon*, o deus em pessoa que vivia nas estátuas. Um exemplo disso está na prática de levar, em cortejo, as estátuas dos deuses dos povos vencidos para Roma, em plena época imperial. Elas eram trancafiadas em prisões, para se vingarem dos deuses por terem feito a guerra contra o Império.

A pintura permanecia afastada do conjunto de idéias materializadas nas estátuas dos deuses e santos. Atenção para o exemplo na composição francesa *La Ballade*, que Villon fez para sua mãe orar a Nossa Senhora. A oração encontra-se num "francês" ainda em formação, daí a presença de vernáculos latinos:

Mulher eu sou, pobrezinha e anciã  
Nada sei; nem de letras e nem de luzes  
No mosteiro vou, sou paroquiana  
Paraíso pintado, onde estão harpas e luzes  
E um inferno onde condenados penam:  
Um me faz pavor, o outro alegria e êxtase.  
Faça-me ter alegria, alta Deusa...<sup>16</sup>

Para Febvre, o Paraíso e o Inferno pintados eram dois auxiliares preciosos para a pregação cristã. Versos medievais que traduzem a simplicidade, a humildade e a cândida piedade dos pobres velhos descendentes dos camponeses de Nôle. Os estudos de Febvre

sobre as sensibilidades em épocas anteriores a um acontecimento, seja ele intelectual ou material, nos possibilitaram um entendimento mais próximo da realidade vivida (acontecida). Sobretudo, das causas que realmente propiciaram seu aparecimento. Isso permitiu que os estudiosos sobre o assunto pudessem se desviar de determinadas características impostas aos acontecimentos que lhes eram impróprias ou indevidas. Ao abordar as análises de Febvre sobre a história das sensibilidades, não nos deteremos mais nos estudos que partem de um objeto para aferir a sensibilidade de uma época, mas para estudos historiográficos sobre a contribuição desse objeto.

Para Febvre, uma determinada época contém a dinâmica e a materialização das idéias em uma sociedade, permitindo responder as questões de ordem historiográfica. Este estudo promove um entendimento diferente desses processos históricos multifacetados, assim como da produção historiográfica a respeito, ao longo dos séculos. Conclui-se, com base no entendimento das reflexões de Febvre, que as condições intelectuais, psicológicas e espirituais de cada etapa devem ser estudadas e, se possível, entendidas sob a luz das sensibilidades reinantes. Elas traduzem os complexos e variados estados de espírito de determinadas épocas que, por sua vez, demonstram as verdadeiras necessidades que atendem às produções sociais.

*Recebido em abril/2008; aprovado em maio/2008.*

### *Notas*

\* Doutor em História pela UNESP-Assis. E-mail: betoscia@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> MANN, Hans-Dieter. *Les Principaux Aspects D'une Civilisation – La première Renaissance française: quatre prises de vues. Pour une histoire a part entière*. Paris, Armand Colin, 1971, p. 112.

<sup>2</sup> Idem, pp. 529-586.

<sup>3</sup> MANN, Hans-Dieter. *Lucien Febvre: La pensée vivante d'un historien*. Edição citada, p. 115.

<sup>4</sup> FEBVRE, Lucien. *Combats pour L'histoire*. Paris, Armand Colin, 1953, p. 230.

<sup>5</sup> FEBVRE, Lucien. *Philippe II et la Franche-Comté*. Étude d'Histoire Politique, Religieuse et Sociale. Paris, Flammarion, 1912, p. 795.

<sup>6</sup> FEBVRE, Lucien. *Philippe II et la Franche-Comté*. Edição citada, p. 798.

<sup>7</sup> FEBVRE, Lucien. *Pour une Histoire à part Entière*. Paris, Bibliothèque Générale de L'École Pratique des Hautes Études. VI<sup>ème</sup>. Section. S.E.V.P.E.N., 1962, pp. 810-811.

<sup>8</sup> FEBVRE, Lucien. *Pour une Histoire à part Entière*. Edição citada, p. 811.

<sup>9</sup> BERNAUD, apud, FEBVRE, Lucien. *Pour une Histoire à part Entière*. Edição citada, p. 814.

<sup>10</sup> Idem, ibidem.

<sup>11</sup> Idem, p. 815.

<sup>12</sup> Idem, ibidem.

<sup>13</sup> BERNAUD, apud FEBVRE, op. cit., p. 815.

<sup>14</sup> Ibid.

<sup>15</sup> Ibid.

<sup>16</sup> Ibid.